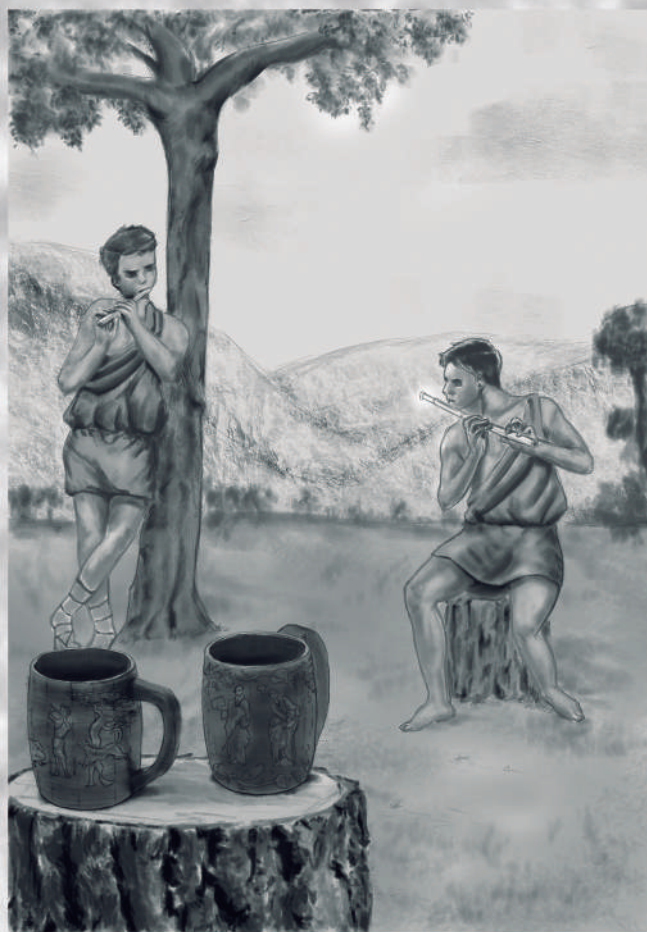


COLEÇÃO  
CLÁSSICOS ROMANOS

SÉRIE  
BUCÓLICAS DE VIRGÍLIO

EDIÇÃO BILÍNGUE

III BUCÓLICA DE VIRGÍLIO



MÁRCIO LUIZ MOITINHA RIBEIRO  
(ORG.)

# III BUCÓLICA DE VIRGÍLIO

EDIÇÃO BILÍNGUE



**Pedro & João**  
editores

ORGANIZADORES DA OBRA PUBLICADA:

Prof. Dr Amós Coêlho da Silva (UERJ/ABRAFIL)  
Profª. Dra. Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ)  
Prof. Dr. Francisco de Assis Florêncio (UERJ/ABRAFIL)  
Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho (USP)  
Prof. Dr. José Mario Botelho (FFP-UERJ)  
Prof. Dr. Leonardo Ferreira Kaltner (ABRAFIL/ UFF)  
Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Pita (UERJ/ABRAFIL)  
Profª. Dra. Marcia Regina de Faria da Silva (UERJ/ABRAFIL)  
Prof. Dr. Marcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ/ABRAFIL/FFP-UERJ)  
Prof. Dr. Pedro Ivo Zaccur Leal (UERJ)  
Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari (UNICAMP)

TRADUTORES:

Amós Coêlho da Silva  
Francisco de Assis Florêncio  
Gabriel Accioly Lins dos Santos  
Higor Monteiro Paiva  
José Mario Botelho  
José Rodrigues Seabra Filho  
Leonardo Ferreira Kaltner  
Luiz Fernando Dias Pita  
Marcia Regina de Faria da Silva  
Márcio Luiz Moitinha Ribeiro  
Marcos André Menezes dos Santos  
Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi  
Paulo Fernando Moreira Pinheiro  
Pedro Ivo Zaccur Leal  
Pedro Paulo A. Funari  
Tobias Vilhena de Moraes  
Vinicius Maciel de Oliveira

### **III Bucólica de Virgílio (Edição Bilíngue)**

Edição revista e atualizada pelo Prof. Dr. Francisco Florêncio de Assis (UERJ)

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro  
(Org.)

# III BUCÓLICA DE VIRGÍLIO

EDIÇÃO BILÍNGUE



**Pedro & João**  
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Amós Coêlho da Silva, Carlinda Fragale Pate Nuñez, Francisco de Assis Florêncio, José Rodrigues Seabra Filho, José Mario Botelho, Leonardo Ferreira Kaltner, Luiz Fernando Dias Pita, Marcia Regina de Faria da Silva, Marcio Luiz Moitinha Ribeiro, Pedro Ivo Zaccur Leal, Pedro Paulo A. Funari [Orgs.]**

**Literatura Latina (Coleção: Clássicos Romanos). Série: Bucólicas de Virgílio - Edição Bilingue: *III Bucólica de Virgílio*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 40p. 21 x 29,7 cm.**

**ISBN: 978-65-265-0811-4 [Impresso]**

**978-65-265-0817-6 [Digital]**

1. Terceira Bucólica. 2. Virgílio. 3. Estilística latina. 4. Bucolismo. I. Título.

---

CDD – 800

**Projeto gráfico e capa:** Bárbara Gouvêa da Rocha - [graficabrtartes@gmail.com](mailto:graficabrtartes@gmail.com)

**Ilustração da capa:** Pedro Patreniere - [pedro.h01@hotmail.com](mailto:pedro.h01@hotmail.com)

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Tradução:** Amós Coêlho da Silva, Francisco de Assis Florêncio, Gabriel Accioly Lins do Santos, Higor Monteiro Paiva, José Mario Botelho, José Rodrigues Seabra Filho, Leonardo Ferreira Kaltner, Luiz Fernando Dias Pita, Marcia Regina de Faria da Silva, Marcio Luiz Moitinha Ribeiro, Marcos André Menezes dos Santos, Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi, Paulo Fernando Moreira Pinheiro, Pedro Ivo Zaccur Leal, Pedro Paulo A. Funari, Tobias Vilhena de Moraes, Vinicius Maciel de Oliveira.

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaeditores.com.br](http://www.pedroejoaeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2023

# **DEDICATÓRIA**

A Junito de Souza Brandão, grande, saudoso e brilhante Mestre em Mitologia do Brasil

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro





## SUMÁRIO

1. Prefácio do prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari (UNICAMP) .....	09
2. Apresentação do Luiz Fernando Dias Pita (UERJ/ABRAFIL/AdE) .....	13
3. Bucólica III .....	16
4. Referências Bibliográficas.....	41





# PREFÁCIO

A III *Bucólica* de Virgílio em seu contexto histórico

Pedro Paulo A. Funari<sup>1</sup>

Unicamp

O poeta latino Virgílio (70 – 19 a.C.) publicou suas *Bucólicas* ou *Éclogas* por volta de 39 a.C., em um momento conturbado, que se iniciara muito antes. A Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.) consolidou a expansão romana pelo Mediterrâneo e a destruição de Cartago e Corinto em 146 a.C. assinalou o domínio incontestado de uma imensa e crescente área em torno ao Mediterrâneo. Para isso, foi essencial o exército de soldados camponeses, mas também levou à concentração fundiária e à profissionalização do exército e ao estabelecimento de veteranos em terras conquistadas. Mário (157-82 a.C.) passou a aceitar proletários nas tropas, armados e pagos para lutar, em 111 a.C. Como consequência, os legionários tornaram-se fiéis e a serviço dos generais, como já no caso de Mário, reeleito cônsul contra a tradição, o que deu início a um período de guerras civis (88 – 31 a.C.) que duraria, com interrupções, até a vitória de Otávio em Actium, em 31 a.C. e a seguinte paz de um novo regime monárquico, o Principado (31 a.C.-235 d.C.).

Virgílio é mais lembrado por sua obra posterior, a *Eneida* (29-19 a.C.), épico sobre as origens mitológicas de Roma e sobre o seu destino de domínio imperial, assim como por sua associação implícita à figura pacificadora de Otávio, intitulado em 27 a.C. como Augusto ou aumentado pelas forças superiores. Antes dela, contudo, vivia-se esse longo período turbulento e instável, sem que se pudesse mesmo imaginar o que viria a seguir. O tema pastoral estava presente na tradição em língua grega, desde *Trabalhos e Dias*, de Hesíodo, entre 750 e 650 a.C., mas foi o poeta siciliano Teócrito (300-260 a.C.) a desenvolver versos sobre o cuidado do rebanho, à maneira do pastor (βουκόλος, *boukólos*, “que tange o boi ou gado”). Este é outro aspecto do período: a imersão das elites romanas na cultura grega ou helenística. O contato com esta vinha de tempos muito antigos, pela presença, no sul da Itália e na Sicília, de cidades gregas, a Magna Grécia. A conquista do Oriente de língua cultura grega, a partir do princípio do segundo século a.C. aprofundou essa interação, a ponto de

---

<sup>1</sup> Pedro Paulo A Funari é o Professor Titular do Departamento de História, IFCH, Unicamp. Seus contatos: UNICAMP - Cidade Universitária Zeferino Vaz. Campinas, 13083-970, SP, Brazil

<https://unicamp.academia.edu/PedroPauloAFunari>

CV: <http://lattes.cnpq.br/4675987454835364>

[https://www.researchgate.net/profile/Pedro\\_Funari](https://www.researchgate.net/profile/Pedro_Funari)

[ppfunari@unicamp.br](mailto:ppfunari@unicamp.br)

toda a elite dominante ter amas de leite gregas, de modo que a língua grega se tornou mesmo materna, ao menos nesse grupo restrito. Mas também entre os humildes, analfabetos, nomes próprios e palavras gregas pululavam, como, hoje, se passa com o inglês e, antes, com o francês, em nosso idioma português, a tal ponto que já não se distingue o original na expressão quotidiana. Abajur está para o francês *abat-jour* como *amphora* (pronunciado ânfora) para *amphoreus* (com acento na última sílaba).

Essa interação com a cultura grega era produtiva, em nada passiva. A própria cultura grega era, a essa altura, desde o século III, ao menos, uma imensa mescla de povos, idiomas e tradições. O que se chamou de mundo helenístico era muito mais variado e múltiplo do que grego, em sentido estrito. Os romanos entravam nessa geleia geral também como criadores e Virgílio mostra isso com sua primeira obra, as *Bucólicas*. Virgílio cria a Arcádia, não tanto como local geográfico, mas como conceito filosófico e poético. O Peloneso caracterizava-se pela civilização urbana de Esparta, Corinto, Olímpia e Argos, com a Arcádia ao centro, floresta impenetrável. Ali está o Monte Liceu, monte dos lobos, onde teria nascido Zeus, antes do destacamento da Lua dessa região. Teócrito, siciliano, viveu muito tempo em Alexandria, a grande metrópole egípcia, de onde sonhava com o campo siciliano natal, idealizado em sua ruralidade. Virgílio vem ao encontro (*inuenio*), inventa e descobre uma Arcádia como terra de sonho, um modo de vida. Isso fica evidenciado no livro terceiro, como um ideal de vida pastoril, bem ao gosto da época, frente às grandes cidades e às guerras civis. A aristocracia romana estava acostumada a possuir um sítio luxuoso no campo, *uilla*, com convívio regado a música e poesia em meio e em louvor de uma vida campestre simples, civilizada e idealizada. A criação artística está no cerne do poema, cuja forma teatral lembra a origem do gênero bucólico no mimo, também pelo caráter rural ou caipira estereotipado, com palavras e expressões que parecem de uso antigo e do campo, assim como os desvios da regra culta do momento. Esse caráter oral inclui o uso de elipses (omissões) ou anacolutos (concordância de sentido apenas) e foi utilizado mesmo em prosa, à época, como no historiador latino Salústio (86-35 a.C.), cujas obras eram recentes e bem lidas quando da escrita das *Bucólicas*. Mais que tudo, impera a ironia, o duplo sentido e a anfibologia das palavras e expressões.

A *III Bucólica* (Hasegawa 2008) consiste de um duelo musical entre dois pastores, arbitrados por um vizinho. Usam um canto que pode ser comparado ao repente contemporâneo (ἀμειβαίος, dado como troco, alternado). Há uma contraposição entre a exuberância da vinha dionisiaca, frente à moderação das folhas de acanto, presentes em taças de madeira, a ilustrar a contraposição entre princípios antagônicos, personificados em Júpiter e Apolo. Os artefatos decorados relacionam-se à obra literária poética, *ut pictura poesis*, como dirá Horácio (65-8 a.C.), na *Arte Poética* *Ars Poetica* 361, cerca de duas décadas depois (ca. 19 a.C.). Ante ao anterior exagero, contrapõe-se o comedimento. O árbitro recusa-se a designar um vencedor, mas não deixa de transparecer sua partilha da contenção, que ganha quem temerá a doçura e conhecerá o amargor dos amores (*quisquis amores aut metuet dulcis aut experietur amarus* 3, 109-110) e quem não bebe tanto (como Baco?): *sat prata biberunt*, os

prados já beberam o bastante! Esse final parece um toque de recolher com um dito popular do tipo “não façamos tempestade em copo d’água” (Souza 2019: 96-97). Nessa disputa, ambos Dametas e Menalcas (versos 88-91), utilizam-se do que os modernos chamam de adínton, um paradoxo, absurdo ou contrassenso e reforçam o caráter popular, mágico, utópico, de mundo ao avesso, carnavalesco (sensu Bakhtin 2010, Humphreys 2000). Como na íntegra das Eclogas, Virgílio contrapõe a venerável origem helenística da bucólica à nova, aberta à quietude (Galgiardi 2019), em relação com o epicurismo alerta aos excessos das paixões políticas (Douglas 2017). A poesia pastoril aparece como um canto ligado à natureza e como símbolo de uma arte de vida, à maneira de Lucrecio (99-55 a.C.) (Casanova-Robin 2014). Entre as novidades, está a mescla (Trevizam 2020) de gêneros, mas de tudo o mais, uma certa moderação dada pela mistura.

Traduzir é sempre trair, mas também recriar, transcriar. A tradução desta III écloga caracteriza-se tanto pela busca da aproximação do original, como por adicionar o que está subentendido e que permite formular com correção gramatical e semântica os versos. O uso de vocabulário rebuscado e pouco frequentado pelo leitor comum constitui uma estratégia para induzir o leitor a aproveitar a profundidade das notas e aproveitar as múltiplas facetas do original, como no caso dos variados sentidos possíveis das palavras ou das construções sintáticas. Com isso, a versão permite ao leitor ser, também, autor, já que se lhe oferecem opções de sentido, algo que se perde nas traduções que privilegiam a língua de chegada, no caso, o português de uso diário. Talvez seja mesmo a melhor maneira de dar conta da falsa rusticidade e popularidade das falas, ainda que exija uma leitura atenta e ativa, à diferença da usual passiva e desatenta do cotidiano. O leitor atento e interessado, mesmo sem conhecimentos de idioma, de literatura ou de História, poderá ter uma experiência única de alteridade. O público alvo é o leitor leigo culto, que conclui por...querer mais, à espera da *IV Écloga!*



# APRESENTAÇÃO

## Fragmentação e reapresentação na III Bucólica

**Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Pita (UERJ)**

Academia Brasileira de Filologia (Abrafil)

Academia de Esperanto (AdE)

Há obras que ficam indelevelmente marcadas pelo peso da tradição que se construiu à sua volta, obras sobre as quais o passar do tempo e de sucessivas gerações de leitores, somados a uma grande massa de críticos e de teóricos da Arte e, mais especificamente, da Literatura, edificaram verdadeiras construções discursivas, sobre cujos múltiplos andares estabeleceu-se toda uma rede de referenciais, que se tem perpetuado até nossos dias.

Se, por um lado, esta rede de referenciais, que de há muito fez-se gigantesca, é responsável por uma longa e bem solidificada estrutura, sobre a qual se assentam inúmeras análises de tais obras; por outro, elas mesmas se constituem como um elemento impeditivo para que novas possibilidades de leitura e análise sejam feitas. Afinal, nem sempre há, mesmo entre os críticos mais ousados, quem seja suficientemente audacioso para desafiar tamanho gigante, que não é, por mais que sonhemos, um mero moinho de vento.

Dessa forma, cabe a pergunta: de que modo se pode proceder a um novo escrutínio de obras cujas leitura e interpretação jazem adormecidas – para bem ou para mal – sob tamanhas condições? Uma das possibilidades de resposta a tal questionamento está presente nessa pequena obra, que, para apresentar tais questões, valeu-se de dois recursos um tanto inusitados: o de fragmentação e o de reapresentação.

Dando sequência à estratégia de republicar, em obras individuais, cada uma das *Bucólicas* de Virgílio, o entusiasmado grupo de tradutores que ora se apresenta ou sou trazer a público, sob nova roupagem, um dos textos mais seminais do Ocidente. Fragmentando, e daí o termo de que lanço mão, a obra nas dez partes que a compõem, os tradutores se permitem analisar, com mais acurácia e também mais eficácia, cada um dos muitíssimos pormenores que, forçosamente, uma análise conjunta dos dez poemas seria obrigada a pôr de lado. Mas a fragmentação não se esgota aí: tal recurso, equivalente ao manuseio da obra sob um microscópio, apresenta-se alicerçado sobre uma abundante e intrincada trama de referências, tanto literárias quanto,

e isso é o mais raro, linguísticas, que fazem com que o poema revele inúmeros novos detalhes sobre si mesmo e traga ao leitor toda uma nova imagem do texto de Virgílio.

E o que dizer da reapresentação? Esta se dá pela nova tradução que se nos é oferecida. Esta nova tradução, ao conferir ao texto novas intensidade e coloração, proporciona com isso o resgate dos sabores e prazeres originais, esmaecidos e/ou acrisolados pelo peso da tradição interpretativa anterior.

Com isso, a presente (re)leitura da *III Bucólica* nos concede tanto novos ângulos de análise quanto novas chaves para sua (re)interpretação; mas, e sobretudo, ela confere a nós, leitores do século XXI, uma certa sensação de familiaridade com os homens dos século I a.C.; com suas paixões, desejos, agruras e sentimentos, todos estes tão próximos a nós quanto distantes de nós estão aqueles homens que os tiveram; pois não devemos esquecer que eles não são apenas de outro tempo, mas também de outro continente.

O resultado final, se o podemos considerar de tal maneira, não é apenas a oferta, àquele leitor interessado na descoberta de novos paladares literários, do novo tempero de um prato já tradicional; mas – e enfatizo, principalmente – a construção de toda uma nova vertente de teorização sobre as *Bucólicas* em geral, e sobre a Terceira em particular. Mas se ao leitor interessam os novos paladares, deixemos de tergiversar e passemos à leitura do texto que, impaciente, já nos aguarda.



*Bucólicas de Virgílio*



## BVCOLICA III

*MENALCAS*

*Dic mihi, Damoeta, cuium pecus, an Meliboei?*

*DAMOETAS*

*Non, verum Aegoni: nuper mihi tradidit Aegon.*

*MENALCAS*

*Infelix o semper, ovis, pecus! Ipse Neaeram  
dum fovet, ac, ne me sibi praeferat illa ueretur,*

*hic alienus ovis custos bis mulget in hora;       5*

*et succus pecori, et lac subducitur agnis.*



## BUCÓLICA III

### MENALCAS

Dize-me, Dametas, de quem<sup>2</sup> (é) o rebanho<sup>3</sup>? Acaso de Melibeu?

### DAMETAS

Não, em verdade, (é) de Egão; há pouco tempo, Egão o entregou a mim.

### MENALCAS

Sempre, ó ovelhas, (vós sois) um infeliz<sup>4</sup> rebanho! O próprio (Egão)  
enquanto favorece<sup>5</sup> Neera e teme que ela me prefere a ele,  
este estranho<sup>6</sup> guardador ordenha as ovelhas duas vezes por hora<sup>7</sup>; 5  
não só o suco<sup>8</sup> é subtraído ao rebanho, mas também o leite, aos cordeiros.

2 No texto latino, o poeta utiliza a forma arcaica do genitivo singular do pronome relativo, *cuium*. Neste arcaísmo, semelhante ao que acontece com os adjetivos de primeira classe, há concordância de gênero e caso com o termo a que o pronome se refere. Por essa razão, lê-se “cujum”, não “cujus”.

3 Trata-se, evidentemente, de uma certa ironia, na fala de Menalcas, sabendo que o pastor Dametas não é o dono do rebanho e, de certo modo, acusa-o de mercenário, de possuidor dos campos e dos animais a fim de receber dinheiro, pecúnio de modo que Virgílio faz um jogo de palavras com o vocábulo *pecus* e se vale da interrogação retórica, na primeira fala do pastor, que tem por intenção fazer injúrias, perturbar, acusar o outro de algo!

4 A infelicidade das ovelhas atestada, nessa exclamação de Menalcas, tem por causa a custódia de um pastor que é estranho às ovelhas de modo que podemos inferir, não só há uma hipálage, mas também, encontra-se certa ironia de Menalcas visto que Dametas não é o dono do rebanho.

5 O verbo da segunda conjugação *fouere* tem como significado primário “aquecer”, “esquentar”, “acalentar”, donde, em sentido figurado, também o encontramos com o sentido de “favorecer”, “proteger”. Assim, podemos interpretar *Neeram [...] fouet*, com duas possibilidades de tradução: 1) O próprio (Egão) “acalenta Neera”; 2) “favorece Neera”. As duas leituras não estão dissociadas, mas interligadas, configurando uma polissemia interpretativa, pois o favorecimento que o pastor concede a Neera tem origem, no seu amor, expresso pela noção de “acalentar” ou “acariciar”.

6 Menalcas se refere a Dametas como *alienus*, que de acordo com o *Dicionário Latino-Português*, do autor, Ernesto Faria, o vocábulo destacado, no 5º verso da III Bucólica, pode significar: “alheio”, “estranho” ou “estrangeiro”. Logo, dentro desse contexto, podemos entender que o poeta latino quis deixar claro, por meio da fala de Menalcas, que Dametas era oriundo de outras terras.

7 Podemos atestar outrossim, no 5º. verso, que Menalcas diz: *hic alienus ouis custos bis mulget in hora* (“este estranho guardador ordenha as ovelhas duas vezes por hora”), isto, na verdade, se trata de uma declaração exagerada, no tocante à realidade, pois, o leite só pode ser ordenhado, no máximo, duas vezes ao dia. Esta fala constitui um recurso estilístico denominado hipérbole, que foi engendrada, propositalmente, por Virgílio, através de seu personagem, a fim de expressar a intensidade da atitude mercenária de Dametas, ou seja, este tirava proveito da ausência de Egão, para extrair o leite do rebanho, que estava em sua custódia, sem que ele soubesse e vendia, na cidade, para obter lucros!

O presente verso, parece-nos, também que traz consigo uma conotação sexual. De fato, o verbo *mulgere* (“ordenhar”), aqui, pode ser interpretado como uma metáfora à masturbação, referindo-se ao fato de que Dametas, conquanto o queira, não pode possuir Neera, que é acariciada pelo dono do rebanho, Egão. Nota-se, destarte, que esse mordaz comentário de Menalcas corrobora a sua ironia inicial, pois, com efeito, não só Dametas cuida de um rebanho que não é seu, mas, também, deve contentar-se que Egão, o dono do rebanho, goze os amores por si cobiçados.

8 *Succus* por ser entendido como “leite”, numa figura estilística, denominada sinédoque visto que o suco é líquido como o leite, Virgílio se vale deste vocábulo para não repeti-lo como *lac* e porque precisava de duas sílabas para configurar o hexâmetro dactílico, mas não podemos deixar de apontar para o segundo sentido do vocábulo que, consoante Ernesto Faria, pode significar “vigor”, “força”, “boa saúde” de modo que o poeta faz uma crítica mordaz ao dono do rebanho, Egão, que está apaixonado por Neera e se esquece de seus animais que sentem sua falta, que tem o seu “suco”, isto é, o seu vigor haurido visto que o suco do ponto de vista metafórico é o próprio

**DAMOETAS**

*Parcius ista uiris tamen obicienda memento.  
Nouimus et qui te, transuersa tuentibus hircis,  
et quo (sed faciles Nymphae risere) sacello ...*

**MENALCAS**

*Tum, credo, cum me arbustum uidere Miconis 10  
atque mala uitis incidere falce novellas.*

**DAMOETAS**

*Aut hic ad ueteres fagos cum Daphnidis arcum  
fregisti et calamos quae tu, peruerse Menalca,  
et, cum uidisti puero donata, dolebas,  
et, si non aliqua nocuisses, mortuus esses. 15*



### DAMETAS

Lembra-te todavia de que essas coisas devem ser censuradas aos homens com mais  
[comedimento.

Sabemos quem (estava contigo) e em que pequeno santuário,  
enquanto os bodes te olhavam de soslaio<sup>9</sup>, (mas as complacentes ninfas apenas  
[riram ...])<sup>10</sup>

### MENALCAS

Creio, então, (que isso aconteceu) quando me viram cortar a árvore<sup>11</sup> 10  
e as novinhas videiras de Micão com uma má<sup>12</sup> foice.

### DAMETAS

Ou aqui, junto às vetustas faias, quando às flechas<sup>13</sup>  
e ao arco de Dáfnis quebraste, ó perverso Menalcas,  
não só, quando tu viste (as coisas) que foram dadas<sup>14</sup> a um menino, sofrias<sup>15</sup>  
mas também, se tu não (o) tivesses prejudicado de alguma maneira<sup>16</sup>, terias  
[morrido<sup>17</sup> (de inveja). 15

---

pastor que se afasta de suas ovelhas.

9 Não descartamos também outras vias de tradução para o vocábulo *transversa* que também pode sugerir-nos as seguintes traduções: “enquanto os bodes olhavam coisas hostis”; enquanto os bodes olhavam coisas transviadas, isto é, afastadas do caminho reto, haja vista que o próprio Menalcas gosta de criticar.” Quando o homem olha de través, com olhar atravessado pode ser interpretado como algo ruim, não digno de confiança de modo que Virgílio faz mais uma crítica mordaz, na boca de Dametas, para criticar as palavras do pastor Menalcas.

10 Consagrado a uma divindade e que tinha um altar descoberto. “O pequeno santuário” (*sacello*), além do sentido literal do termo, é uma referência ao termo *arbustum* (“pequeno bosque”).

11 O termo *arbustum* é uma sinédoque, que Virgílio utiliza, na 3ª *Bucólica*, para se referir ao “pequeno bosque”, consagrado às ninfas.

12 Configura-se uma hipálage com o adjetivo “má”, na verdade, “má” não é a foice, mas na visão de Menalcas é o próprio Dametas, mas podemos atestar que este também é um mau pastor porque gosta de fazer críticas a outros pastores. Virgílio magistralmente nos sugere que o adjetivo possa ser interpretado, nas duas perspectivas. Vale destacar também que se a foice fosse realmente má significaria que não estaria cumprindo de modo eficiente sua função como ferramenta cortante.

13 Sinédoque porque “as flechas” são feitas do “cálamo”. Ernesto Faria, em seu *Dicionário Escolar Latino Português*, nos aponta a melhor tradução. As flechas são para a caça e para a defesa pessoal contra os animais e ladrões.

14 *Data (esse)* = São algumas possibilidades de tradução: “foram dadas”, “serem dadas”, “terem sido dadas”. Trata-se do Infinitivo perfeito passivo.

15 Vale destacar que o sentido é de sofrer, física e moralmente!

16 *Aliqua*, aqui, neste verso, não é pronome indefinido, mas o advérbio, muito cuidado com as homônimas!

17 Lembremo-nos de que é verbo deponente, melhor tradução, no futuro do pretérito composto!

**MENALCAS**

*Quid domini faciant, audent cum talia fures?  
Non ego te uidi Damonis, pessime, caprum  
excipere insidiis, multum latrante Lysisca?  
Et cum clamarem: “Quo nunc se proripit ille?  
Tityre, coge pecus”, tu post carecta latebas.* 20

**DAMOETAS**

*An mihi cantando uictus non redderet ille,  
quem mea carminibus meruisset fistula caprum?  
Si nescis, meus ille caper fuit; et mihi Damon  
ipse fatebatur sed reddere posse negabat.*

**MENALCAS**

*Cantando tu illum? aut umquam tibi fistula cera 25  
iuncta fuit? non tu in triuiis, indocte, solebas  
stridenti miserum stipula disperdere carmen?*



**MENALCAS**

O que os senhores (devem)<sup>18</sup> fazer, quando os ladrões ousam tais (coisas)?

Eu<sup>19</sup> não te vi, ó péssimo, a tomar com insídias  
o bode de Damão, enquanto muito ladrava Licisca<sup>20</sup>?  
E como eu clamasse: “Para onde agora ele se arrasta<sup>21</sup>?  
Ó Títiro, reúne o rebanho”! tu te escondias atrás das tábuas. 20

**DAMETAS**

Porventura, vencido pelo cantar, ele não me restituiria o bode<sup>22</sup>,  
que a minha flauta merecera em razão de meus carmes?  
Se não sabes, aquele bode foi meu, e o próprio Damão (o) confessava,  
mas dizia que não o podia me devolver.

**MENALCAS**

Cantando tu a ele<sup>23</sup>? Ou alguma vez tiveste uma flauta 25  
unida com cera? Nas encruzilhadas, ó indouto, tu não costumavas  
desperdiçar um mísero carne com uma estridente gaita?

18 Subjuntivo deliberativo visto que se emprega para indicar que se está na dúvida sobre que decisão tomar. Cf. Pierre Gramal, p. 97.

19 Podemos considerar alguns aspectos estilísticos, nestes versos 17 a 18: o pronome *ego* geralmente não aparece, nos textos, contudo, quando o poeta deseja criar um efeito estilístico, este na boca do pastor Menalcas deseja ressaltar o ato vil de Dametas, chamando-o de ladrão. Podemos atestar que o locutor reforça ainda mais a crítica ao acusado, inserindo um adjetivo de campo semântico negativo, *pessime*, e o seu argumento ainda é mais reforçado com presença da latrante cadela, que avisava o advento de algum estranho.

20 Ablativo absoluto, sujeito, no ablativo e verbo, no participio presente, também, no mesmo caso.

21 Como uma cobra traiçoeira, que se arrasta, que corre, que se escapa ... notemos a crítica mordaz de Menalcas a Dametas e um sublime eufemismo, imbuído de ironia.

22 Neste verso, Dametas tenta justificar-se ao acusador que não é ladrão, sob a alegação de que o bode subtraído, de uma maneira ou de outra, retornaria às suas mãos, pois Damão lho entregaria, vencido pelo canto da sua flauta.

23 No presente verso, a ordem dos pronomes, tu e illum, foi construída de modo a representar a disposição física dos contedores, cujos corpos se encontram um em frente ao outro, assim como os pronomes destacados, simetricamente, no verso. Na seguinte passagem: *aut umquam tibi fistula cera iuncta fuit?* (“Ou alguma vez uma flauta existiu para ti unida com cera?”). O poeta se vale do uso de um dativo de posse por motivos métricos.

Ao dizer que Dametas costumava tocar flauta, em encruzilhadas, Menalcas insinua a homossexualidade de Dametas, uma vez que as encruzilhadas eram, então, um local de presença frequente de prostitutas e de homossexuais. Finalmente, deve notar-se que o adjetivo *miserum*, embora se refira sintaticamente ao substantivo *carmen*, dirige-se, em verdade, a Dametas, pois este não consegue emitir da sua flauta sons que não sejam estridentes, isto é, desagradáveis. Assim, vemos que este adjetivo é mais um caso de hipálage, figura recorrente, nos versos bucólicos virgilianos.



**DAMOETAS**

*Vis ergo inter nos quid possit uterque uicissim  
experiamur? Ego hanc uitulam (ne forte recuses,  
bis uenit ad multram, binos alit ubere fetus) 30  
depono; tu dic mecum quo pignore certes.*

**MENALCAS**

*De grege non ausim quicquam deponere tecum.  
est mihi namque domi pater, est iniusta noverca,  
bisque die numerant ambo pecus, alter et haedos. 35  
verum, id quod multo tute ipse fatebere maius,  
(insanire libet quoniam tibi), pocula ponam  
fagina, caelatum diuini opus Alcimedontis,  
lenta quibus torno facili superaddita vitis  
diffusos hedera uestit pallente corymbos.  
in medio duo signa, Conon et... quis fuit alter, 40*



### DAMETAS

Queres, portanto, (que) experimentemos entre nós, alternadamente, o que cada um pode? Eu aposto esta cabrita (para que talvez não recuses, (ela) vem duas vezes ao tarro<sup>24</sup>, alimenta dois filhotes com o seu úbere); 30  
dize tu com que penhor rivalizas<sup>25</sup> comigo.

### MENALCAS

Do meu rebanho não ousaria<sup>26</sup> apostar nada contigo.  
De fato, eu tenho em casa um pai e uma injusta madrasta;  
e duas vezes ao dia, ambos contam o rebanho, e um deles, os cabritos.  
Mas, a isto que tu próprio confessarás (ser) muito maior, 35  
(porque te agrada ser louco<sup>27</sup>), apostarei copos<sup>28</sup> de faia,  
burilada obra do divino Alcimedonte,  
aos quais<sup>29</sup> uma flexível videira gravada pelo torno<sup>30</sup> ágil,  
veste cachos espalhados pela hera palente<sup>31</sup>.  
No meio, duas imagens, Conão e... quem foi o outro, 40

24 O substantivo latino *mulctra* significa “vaso de ordenhar”. Assim, se referindo à frequência com a qual o animal vai ao vaso de ordenhar; Dametas realça as suas qualidades, indicando que a cabrita é um objeto de valor digno de ser apostado.

25 O verbo *certo, as, are* também tem o sentido de “lutar”, “conseguir determinado fim”, “disputar prêmios”, “rivalizar”, mas, na poesia, não descartamos outras possibilidades como: “esforçar-se”, “resistir”. Vale destacar que há uma oração interrogativa indireta de modo que preferimos traduzir o verbo, no presente do indicativo.

26 *Ausim* (optativo de *audeo*, no pretérito perfeito do subjuntivo) = *auserim*. Forma sincopada. Consoante Ernesto Faria, essa forma verbal era comumente usada pelos cômicos, pelos poetas e pelos prosadores da época imperial. Este uso do subjuntivo expressa a ideia de possibilidade de modo que preferimos traduzi-lo pelo futuro do pretérito!

27 Menalcas, aqui, aponta a loucura de Dametas, pois julga que não lhe obstará a manutenção da aposta a proposição de um bem (copos de faia) cujo valor é consideravelmente menor que o da cabrita, alvitrada pelo próprio Dametas, no verso vinte e nove. Com efeito, conforme o entende Menalcas, não só o fato de que a absoluta desproporção entre o valor dos bens disputados não faz que Dametas reconsidere a aposta, mas, também, o fato de que este estima os copos de faia mais do que a um animal de rebanho, são evidências da insanidade de seu oponente.

28 *Pocula* foram traduzidos por nós por “copos” de faia, feitos, portanto, de madeira de modo que preferimos esta tradução a “taças ou vasos”, até para corroborar a imagem da capa desta 3ª. Bucólica.

29 O destino da videira é ser transformado, em copos de faia. *Quibus* (aos quais, isto é, aos copos de faia). Dativo de atribuição.

30 “Torno”, instrumento de tornear, isto é, formar os contornos de uma escultura. Em sentido figurado, trata-se do ofício ou da arte do poeta ou do escritor. O poeta se vale aqui da figura de linguagem conhecida como hipálage na qual as características de determinado ser são atribuídas a outro. Assim, neste verso, ágil não é o torno, mas o artista que o manuseia.

31 Isto é, pela hera pálida, de cor amarelada.



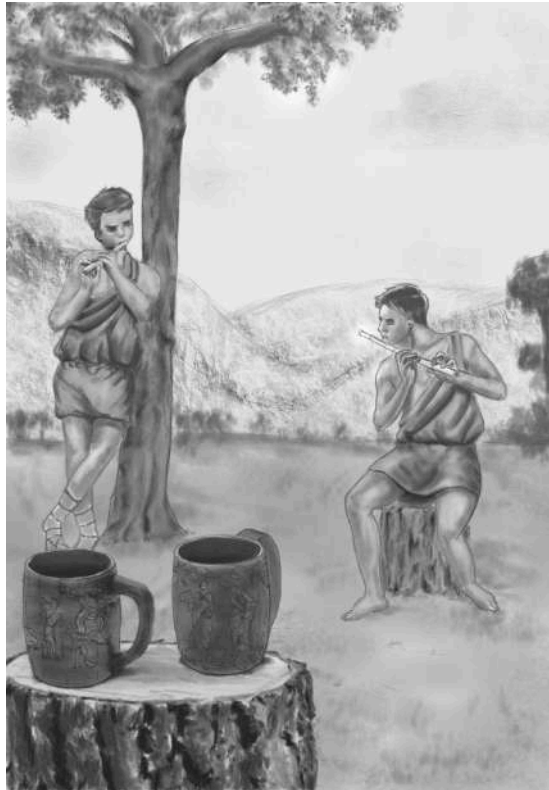
*descripsit radio totum qui gentibus orbem,  
tempora quae messor, quae curuus arator haberet?  
Necdum illis labra admoui, sed condita seruo.*

**DAMOETAS**

*Et nobis idem Alcimedon duo pocula fecit,  
et molli circum est ansas amplexus acantho; 45  
Orpheaque in medio posuit siluasque sequentis.  
Necdum illis labra admoui, sed condita seruo.  
Si ad uitulam spectas, nihil est quod pocula laudes.*

**MENALCAS**

*Numquam hodie effugies; ueniam quocumque uocaris.  
Audiat haec tantum uel qui uenit ecce Palaemon. 50  
Efficiam posthac ne quemquam uoce lacessas.*



que descreveu às gentes<sup>32</sup> todo o orbe<sup>33</sup> com uma varinha<sup>34</sup> pontiaguda,  
a que estações o ceifeiro teria, a quais o curvado lavrador poderia ter?  
Ainda não aproximei os lábios deles<sup>35</sup>, mas (os) conservo, guardados.

### DAMETAS

Não só o mesmo Alcimedonte nos<sup>36</sup> fez dois copos,  
mas também abraçou<sup>37</sup> as (suas) asas com mole acanto; 45  
e, no meio, pôs Orfeu<sup>38</sup> e as selvas, que (o) seguiam.

Ainda não aproximei os lábios deles<sup>39</sup>, mas (os) conservo, guardados.  
Se olhares na direção da novilha, não há<sup>40</sup> razão para<sup>41</sup> louvares os copos.

### MENALCAS

(tu), hoje, em tempo algum<sup>42</sup> fugirás; para onde quer que me chamares, irei.  
Ouça somente estas coisas... ou Palemão, eis que vem. 50  
De agora em diante, farei que não provoques a ninguém com a tua voz.

32 No sentido “de raça”, “de povo”...

33 Por extensão metonímica, podemos inferir que o autor nos aponta: “toda a região”, “todo o clima”, enfim “toda a Terra”.

34 Trata-se, nesta passagem, da varinha dos geômetras.

35 Trata-se evidentemente dos copos de faia.

36 Na passagem do verso 44, atestamos o pronome *nobis* (“para nós”, “nos”) que se configura como uma ironia do pastor, visto que Alcimedonte fez copos para os dois pastores, mas o discurso de Dametas deveria estar, na primeira pessoa do singular, portanto deveria estar *mihi*!

37 No presente verso, Virgílio, por motivos métricos, valeu-se de uma liberdade métrica, denominada *tmese*, separando o verbo *amplector* do seu preverbo *circum*, que reforça a ideia de rodear o ser com o qual se abraça.

38 *Orpheus*, *-ei* ou *-eos*= Orfeu, filho de Eagro e da musa Calíope, esposo de Eurídice e célebre como cantor, músico e poeta; tocador de lira e de cítara, é tomado muitas vezes como o inventor desta. No verso 46, encontra-se o vocábulo, no acusativo singular grego, terminado em *-a*.

39 Trata-se evidentemente dos copos de faia.

40 Expressão: *nihil est quod*= “não há razão para que ou para”, numa tradução de infinitivo flexionado. (Cf. Cíc. Of. 1,133).

41 *Quod* = “que”, “para que”. Trata-se de uma oração relativa adverbial com sentido final.

42 Para o contexto, melhor tradução: “em tempo algum”, consoante o Dicionário de Saraiva.

**DAMOETAS**

*Quin age, si quid habes; in me mora non erit ulla  
nec quemquam fugio: tantum, uicine Palaemon,  
sensibus haec imis (res est non parua) reponas.*

**PALAEMON**

*Dicite, quandoquidem in molli consedimus herba. 55  
Et nunc omnis ager; nunc omnis parturit arbos,  
nunc frondent silvae, nunc formosissimus annus.  
Incipe, Damoeta; tu deinde sequere, Menalca.  
Alternis dicetis; amant alterna Camenae.*

**DAMOETAS**

*Ab Ioue principium Musae, Iouis omnia plena; 60  
ille colit terras, illi mea carmina curae.*



**DAMETAS**

Pois bem<sup>43</sup>, age, se tens alguma coisa (a dizer); Em mim, não haverá obstáculo<sup>44</sup>  
[algum,  
nem fujo de ninguém. Apenas, ó vizinho Palemão,  
com os sentidos<sup>45</sup> mais humildes, reponhas estas coisas (o assunto não é parvo).

**PALEMÃO**

Dizei, já que (nós) estamos sentados, na mole erva . 55  
E agora todo campo, agora toda árvore sofre as dores do parto<sup>46</sup>,  
agora, cobrem-se de folhas as selvas, agora formosíssimo (está) o ano.  
Começa, Dametas, tu depois seguirás, Menalcas.  
Alternadamente<sup>47</sup>, direis: amam (os versos) alternados as Camenas<sup>48</sup>.

**DAMETAS**

A partir de Júpiter, o princípio<sup>49</sup>, ó Musas: de Júpiter todas as coisas (estão  
[plenas: 60  
ele cultiva as terras, os meus carnes servem<sup>50</sup> de cuidado para ele<sup>51</sup>.

43 *Quin age*= expressão: “pois bem”, “age!”, “pois então”, “age”!

44 *Mora* tem dois sentidos: “demora”, “mora”; mas também pode ser interpretado por “obstáculo”, “impedimento” de modo que podemos perceber, facilmente, a intenção do poeta em criar um dupla possibilidade interpretativa, jogando com os dois valores significativos da palavra: Dametas não quer ser empecilho na criação dos versos e nem tardança, visto que ele deseja encontrar com o outro pastor.

45 Ou “no fundo dos sentidos”, o que nos parece que o julgamento de Palemão será com toda a humildade de pastor e com toda justiça.

46 No verso 56, o poeta se vale do verbo da quarta conjugação *pario, is, ire, peperit, partum*, que significa “parir” ou “dar à luz”. Virgílio, no verso em questão, claramente se vale de uma metáfora: assim como as mães dão à luz seus filhos, as árvores produzem seus frutos, nos campos. Preferimos a tradução literal com o uso patente da personificação ou prosopopeia da árvore.

47 *Alternis* (ablativo plural de *alternus*, tomado adverbialmente e traduzido por “alternadamente”. Torrinha, em seu dicionário, nos informa que se subentende *vicibus* de modo que podemos traduzir a expressão latina “por alternadas vezes”, “por turnos”.

48 São deidades romanas semelhantes às Musas dos gregos, cujos nomes são associados à poesia.

49 *Ab Iove*, está no ablativo de origem, Virgílio quer dizer que tudo provém de Júpiter, ele é o princípio de todas as coisas.

50 Exemplo de duplo dativo com verbo *est*, em elipse. Dametas valoriza os seus versos, citando o nome de Júpiter, que é o maior entre os deuses do Panteão romano. O pastor nos diz que os seus carnes servem de cuidado para ele, em virtude da relevância e do valor deste Deus, destacado pelo pastor, como o criador do mundo, como cultivador das terras.

51 Evidentemente que ele se refere ao Deus Júpiter.

**MENALCAS**

*Et me Phoebus amat; Phoebus sua semper apud me  
munera sunt, lauri et suaue rubens hyacinthus.*

**DAMOETAS**

*Malo me Galatea petit, lasciuu puella,  
et fugit ad salices et se cupit ante uideri.*

65

**MENALCAS**

*At mihi sese offert ultro meus ignis, Amyntas,  
notior ut iam sit canibus non Delia nostris.*

**DAMOETAS**

*Parta meae Veneri sunt munera; namque notaui  
ipse locum, aeriae quo congregere palumbes.*

**MENALCAS**

*Quod potui, puero siluestri ex arbore lecta  
aurea mala decem misi; cras altera mittam.*

70



**MENALCAS**

E Febo me ama: para Febo, sempre perto de mim  
estão os seus presentes<sup>52</sup>: os loureiros<sup>53</sup> e o jacinto suavemente rubro.

**DAMETAS**

Galateia, lasciva<sup>54</sup> menina, procura atingir-me com uma maçã<sup>55</sup>,  
não só foge para os salgueiros como também deseja ardentemente ser vista antes  
[por mim. 65

**MENALCAS**

Mas, a mim se oferece espontaneamente Amintas, a minha paixão,  
de modo que Délia<sup>56</sup> já não é mais conhecida aos nossos cães.

**DAMETAS**

Para a minha Vênus, presentes foram adquiridos<sup>57</sup>; com efeito, eu próprio marquei  
o lugar onde os aéreos pombos bravos fizeram ninho.

**MENALCAS**

O que eu pude, enviei ao menino dez áureas maçãs 70  
colhidas da silvestre árvore; amanhã, enviarei outras.

---

52 *Munera* pode ser muito bem traduzidos por “favores”, “obséquios” ou “dons”!

53 Com a imagem dos loureiros e do jacinto, o poeta nos remete à ideia da vitória e da realeza, cujos símbolos, para os Romanos, eram a coroa de loureiro e o manto púrpura, respectivamente.

54 *Lasciua* também pode ser traduzida por “brincalhona”, “alegre”, “jovial”, mas não podemos descartar a segunda possibilidade de tradução e escolhida para o verso, como “lasciva”.

55 Também poderíamos interpretar *malo* não como “maçã”, mas como por meio do mal de modo que a menina deixar de ser “brincalhona” e passa a ser “lasciva”, desejosa de más intenções.

56 Délia é Diana, assim chamada porque nasceu, em Delos.

57 Vênus, aqui no poema, é a sua própria amada, isto é, Galatéia ! Podemos traduzir também o verbo *parta sunt* por “foram obtidos”, “foram paridos”, “foram dados à luz”. Sabemos que a Deusa do Amor, Vênus tem como destino o nascimento de um novo ser, podemos entender, também, nas entrelinhas deste verso, o desejo de que sua amada possa um dia parir um filho do pastor da mesma forma que, no porvir, as pombas possam dar à luz novos seres alados.



**DAMOETAS**

*O quotiens et quae nobis Galatea locuta est!  
partem aliquam, uenti, diuom referatis ad auris.*

**MENALCAS**

*Quid prodest, quod me ipse animo non spernis, Amynta,  
si, dum tu sectaris apros, ego retia seruo?* 75

**DAMOETAS**

*Phyllida mitte mihi; meus est natalis, Iolla,  
cum faciam uitula pro frugibus, ipse uenito.*

**MENALCAS**

*Phyllida amo ante alias; nam me discedere fleuit,  
et longum “Formose, uale, uale”, inquit, “Iolla”.*



**DAMETAS**

Ó quantas vezes e que (coisas) Galateia nos falou!  
Ó ventos, leveis novamente alguma parte aos ouvidos dos deuses<sup>58</sup>.

**MENALCAS**

De que me serve<sup>59</sup>, Amintas, que (tu) próprio não me desprezes, em (teu) ânimo,  
se, enquanto tu persegues os javalis, eu guardo as redes? 75

**DAMETAS**

Envia-me Fílide, ó Iolas, (pois) *é o meu aniversário*,  
quando eu fizer sacrificio com uma novilha em favor das searas, vem tu mesmo!

**MENALCAS**

Amo Fílide mais que as outras; pois chorou ao afastar-se de mim  
e disse um longo “adeus, adeus, ó formoso” “Iola”.

---

<sup>58</sup> *Diuom* = Forma de genitivo plural arcaica; no latim clássico, atestamos *diuum*.

<sup>59</sup> *Quid prodest (mihi)* = “De que me serve ...” expressão latina. Se Amyntas despreza Menalcas, não lhe serve mais!



**DAMOETAS**

*Triste lupus stabulis, maturis frugibus imbres,* 80  
*arboribus uenti, nobis Amaryllidis irae.*

**MENALCAS**

*Dulce satis umor, depulsis arbutus haedis,*  
*lenta salix feto pecori, mihi solus Amyntas.*

**DAMOETAS**

*Pollio amat nostram, quamuis est rustica, Musam:*  
*Pierides, vitulam lectori pascite vestro.* 85

**MENALCAS**

*Pollio et ipse facit noua carmina: pascite taurum,*  
*iam cornu petat et pedibus qui spargat harenam.*



**DAMETAS**

O lobo é uma (coisa) triste para os estábulos; os aguaceiros, para as maduras  
[searas; 80

Os ventos, para as árvores; as iras de Amarílde, para nós.

**MENALCAS**

A água é (uma coisa) bastante doce (...), o medronheiro, para os desmamados  
[cabritos,  
o flexível salgueiro, para o fecundado rebanho, só Amintas, para mim.

**DAMETAS**

Polião ama a nossa Musa, embora<sup>60</sup> seja rústica:

Ó Piérides, apascentai uma novilha para o vosso leitor<sup>61</sup>. 85

**MENALCAS**

O próprio Polião também faz novos carmes: apascentai um touro<sup>62</sup>,  
porque (ele) já procura atingir<sup>63</sup> com um chifre e espalha areia com as patas.

---

60 Nesta oração subordinada concessiva, introduzida por *quamvis*, o poeta usa o modo indicativo no lugar do subjuntivo, uso mais comum junto à conjunção *quamvis*, porque busca salientar a realidade da afirmação.

61 Alusão ao próprio Polião, que também era poeta e fazia parte do círculo dos *poeta noui* do qual Virgílio participava. A novilha seria dada a Menalcas, caso ele vencesse a disputa poética.

62 Compreende-se que o verbo *pascite* significa “alimentar”, motivo pelo qual se busca acalmar o furor do touro dando-lhe de comer.

63 Oração relativa adverbial com sentido causal.

**DAMOETAS**

*Qui te, Pollio, amat ueniat quo te quoque gaudet;  
mella fluant illi, ferat et rubus asper amomum.*

**MENALCAS**

*Qui Bauium non odit, amet tua carmina, Meui, 90  
atque idem iungat vulpes et mulgeat hircos.*

**DAMOETAS**

*Qui legitis flores et humi nascentia fraga,  
frigidus — o pueri, fugite hinc — latet anguis in herba.*

**MENALCAS**

*Parcite, oues, nimium procedere; non bene ripae  
creditur; ipse aries etiam nunc uellera siccant. 95*



**DAMETAS**

Quem te ama, Polião, venha para onde se regozija<sup>64</sup> (que) tu também (venhas):  
que os meles fluam para ele, e que a áspera sarça produza o amomo<sup>65</sup>.

**MENALCAS**

Quem não odeia a Bávio<sup>66</sup>, que ame os teus carmes, ó Mévio, 90  
não só o mesmo junja<sup>67</sup> raposas, como também ordene bodes.

**DAMETAS**

Vós, ó meninos, que colheis flores e morangos, que nascem<sup>68</sup>, no solo,  
Fugi daqui pois uma frígida<sup>69</sup> cobra se esconde, na erva.

**MENALCAS**

Evitai, ó ovelhas, a avançar muito! Na margem,  
não se confia bem; o próprio carneiro ainda agora seca os velos<sup>70</sup>. 95

---

64 *Gaudet* se constrói com oração infinitiva com sujeito no acusativo (=te) e com verbo, no infinito, que está elíptico! Aquele que ama Polião alcance o mesmo destino feliz como ele. O verso diz respeito ao desejo de felicidade de ambos, Virgílio e Polião.

65 Planta da Índia, preciosa por sua forte fragrância, de cheiro muito agradável e por sua raridade, na elaboração de um unguento, que tinha como função, embalsamar cadáveres;

66 Bávio e Mévio são dois poetas inimigos de Virgílio; Horácio escreveu contra Mévio, no *X Epodo*, chamando-o de “fedorento” e lhe desejando todo tipo de desgraças ao poeta.

67 Expressão *iungere ulpes*= “jungir raposas” é o mesmo que tentar o impossível, como também ordenhar leite de bodes. Encontra-se aqui a figura estilística, denominada “adínaton”.

68 No presente verso, o poeta se vale da quantidade da vogal longa –e, em *nascenti*, para suscitar, no leitor a imagem do longo movimento natural de crescimento da planta.

69 Atesta-se, aqui, o emprego da hipálage, neste verso. Fria não é a cobra, mas é clara a crítica que Virgílio faz em alusão aos mantuanos, bárbaros soldados, que roubaram as terras paternas de Virgílio, trata-se de uma alusão à expropriação das terras mantuanas.

70 Nestes versos, o poeta alude à desapropriação de terras que, ao seu tempo, já tinha atingido a muitos pastores romanos. De fato, as ovelhas são os pastores, e os carneiros são os donos dos rebanhos, que, conquanto senhores, eles mesmos não conseguiram escapar ilesos de perder os seus domínios.

**DAMOETAS**

*Tityre, pascentis a flumine reice capellas;  
ipse, ubi tempus erit, omnis in fonte lauabo.*

**MENALCAS**

*Cogite oves, pueri; si lac praeceperit aestus,  
ut nuper, frustra pressabimus ubera palmis.*

**DAMOETAS**

*Heu heu, quam pingui macer est mihi taurus in ervo!* 100  
*idem amor exitium pecori pecorisque magistro.*

**MENALCAS**

*His certe - neque amor causa est - vix ossibus haerent;  
nescio quis teneros oculus mihi fascinat agnos.*

**DAMOETAS**

*Dic quibus in terris, et eris mihi magnus Apollo,* 105  
*tris pateat caeli spatium non amplius ulnas.*



**DAMETAS**

Ó Títiro, afasta do rio as cabras que pastam;  
(eu) próprio, quando for o tempo, lavarei todas na fonte.

**MENALCAS**

Reuni as ovelhas, ó meninos, se o calor tiver secado<sup>71</sup> o leite,  
como há pouco, em vão, apertaremos os úberes com as palmas.

**DAMETAS**

Ai! Ai! como tenho magro o touro na gorda lentilha<sup>72</sup> 100  
O mesmo amor (é) uma ruína para o rebanho e para o pastor do rebanho.

**MENALCAS**

Para estes, certamente - nem o amor é a causa - apenas aos ossos estão pegados<sup>73</sup>;  
para mim, não sei que olho<sup>74</sup> enfeitiça os tenros cordeiros.

**DAMETAS**

Dize em que terras – e me serás um magno Apolo –  
o espaço do céu não se estende mais além de três braçadas<sup>75</sup>. 105

---

71 Torrinhã coloca a tradução da expressão: *si lac praeceperit aestus* (“se o calor fizer secar o leite”).

72 *Eruum, erui*= “planta leguminosa”, denominada “lentilha”, que por sinédoque podemos inferir que se trata de um gordo campo, de um ingente pasto.

73 Torrinhã nos aponta o significado desta expressão idiomática: “não têm senão a pele e os ossos”!

74 *Oculus*, neste sentido, se traduz bem como “mau-olhado”, “olho gordo”, e que é corroborado com o sentido do verbo *fascinat*= “enfeitiçar”, “encantar”, “fascinar”;

75 Na Antiguidade, estavam presentes enigmas, que deveriam ser descobertos pelo oponente!



**MENALCAS**

*Dic quibus in terris inscripti nomina regum  
nascantur flores, et Phyllida solus habeto.*

**PALAEEMON**

*Non nostrum inter vos tantas componere lites:  
et vitula tu dignus et hic et quisquis amores  
aut metuet dulcis aut experietur amaros.*

110

*claudite iam rivos, pueri; sat prata biberunt.*



**MENALCAS**

Dize em que terras as flores nascem inscritas com os nomes<sup>76</sup> dos reis,  
e terás Filide só (para ti).

**PALEMÃO**

Nós<sup>77</sup> não (queremos) compôr tão grandes litígios entre vós:  
não só tu (és) digno de uma cabrita, mas também este, e todo aquele que  
ou temerá os doces amores ou experimentará os amargos. 110  
Fechai já os ríos, ó meninos, os prados (já) beberam bastante.

---

<sup>76</sup> Acusativo de relação foi o recurso utilizado por Virgílio para conseguir construir este verso, no hexâmetro dactílico.

<sup>77</sup> *Non nostrum*= genitivo partitivo complemento do adv. non. (= não de nós) com elipse verbal.





## Referência Bibliográfica

BAKHTIN, M. *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*. SP: Hucitec, 2010 (1965).

BAYET, Jean. *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin, s/d.

BRISSON, Jean-Paul. *Virgile son temps et le nôtre*. Paris: François Maspero, 1980.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

CARTAULT, A. *Étude sur les Bucoliques de Virgile*. Paris: 1897.

DOUGLAS, D. *A Study in Epicurean Poetics: Virgil's Eclogue*. Montreal, McGill, MA thesis, 2017.

FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino-Português*. Belo Horizonte: Garnier, 2003.

FARIA, Ruth Junqueira de. *Aspectos Lexicais e Estilísticos do Bucolismo Vergiliano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.

GAGLIARDI, P. *L'ἀδύνατον nelle Bucoliche vergiliane*. *Révue des Études Anciennes*, 121, 2019, 2, 391-412.

GAGLIARDI, P. *The Metamorphosis of Daphnis from Theocritus to Virgil*, *Phais*, 2019, 21/22, 119-139.

HASEGAWA, A. P. *Écloga III. Comentário à tradução da Écloga III*, Paulo Sérgio Vasconcellos, org., *Bucólicas (de Virgílio)*. São Paulo, Ateliê, 2008, 63-93.

HUMPHREY C. (2000) Bakhtin and the Study of Popular Culture: Re-thinking Carnival as a Historical and Analytical Concept. In: Brandist C., Tihanov G. (eds) *Materializing Bakhtin*. St Antony's Series. PalgraveMacmillan, London. [https://doi.org/10.1057/9780230501461\\_9](https://doi.org/10.1057/9780230501461_9)

LECLERCQ, R. *Les Principes de la Poétique Virgilienne*. *Revue des Études Latines*. Paris: Société d'Édition << Les Belles Lettres >>, 1994.

LESKY, Albin. *História de la Literatura Griega*. Versión española de José Maria Diaz Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos, S.A.

LOUPIAC, Annie. *Le Labor chez Virgile: Essai d'interprétation*. *Revue des Études*

Latines. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1993.

MAROUZEAU, Jules. *A Ordem das Palavras em Latim*. Tradução de José Mario Botelho. Editora Autografa. Rio de Janeiro, 2017.

\_\_\_\_\_. *Traité de Stylistique Latine*. Paris: Société D'Édition Les Belles Lettres, 1946.

MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. *Les Genres Littéraires à Rome*. Préface de Jacques Perret. Tome II. Paris: Scodel, 1981.

MARTINS, Paulo. *Literatura Latina*. 1ª. edição. Curitiba: IESDE Brasil. S. A., 2009 Vol. 1, 268 p.

MENDES, João Pedro. *Construção e Arte das Bucólicas de Virgílio*. Coimbra: Livraria Almedina, 1997.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984.

PERRET, J. Virgile, *Les Bucoliques*. Édition, introduction et commentaire de Jacques Perret, 1961.

RIBEIRO, Marcio Luiz Moitinha. *Gramática latina*. 2a. Ed. São Gonçalo: Márcio Moitinha Editora, 2017.

SOUZA, E.F.M. *A Bucólicas de Públio Virgílio Maro: tradução e estudo à luz de aparato etimológico e de simbologia da flora*. João Pessoa, Tese de Doutorado em Letras, UFPB, 2019.

TREVIZAM, M. *Modulações genérica em Virgílio*, Rónai, 8, 2, 2020, 46-61.

VIRGILE. *Bucoliques*. Texte établi par E. de Saint-Denis. Traduction d'Anne Videau. Introduction, commentaire et annotations d'Hélène Casanova-Robin. Paris, Les Belles Lettres, 2014.

## **Organizadores e Empreendedores da Obra Publicada:**

### **Amós Coêlho da Silva:**

Atual Presidente da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL). Possui graduação em Bacharel em Letras Português Literatura pela Universidade Gama Filho, mestrado e doutorado em Língua Latina (Letras Clássicas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência, na área de Letras, com ênfase em Latim, atuando principalmente nos seguintes temas: filologia; linguística; literatura; mito; teatro antigo; sátira; crítica literária. Atua na graduação e na pós-graduação “Lato sensu”, na Especialização de Língua Latina, e, credenciado pelo Colegiado, desde 2010, na “Stricto sensu”, no mestrado e doutorado, ministrando Teoria da Literatura e Literatura Comparada, com estudos de obras literárias em perspectiva tanto de interlocução com a Antiguidade Clássica quanto de interdisciplinaridade. Pertence à Academia Brasileira de Filologia, da qual é Presidente.

### **Carlinda Fragale Pate Núñez:**

Professora Titular de Teoria da Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro desde 2018. Possui graduação em Português Literatura pela Universidade Santa Úrsula (1976), mestrado em Ciência da Literatura (1986) e doutorado (idem, 1991) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fez estágio de Pós-Doutorado na Universidade de Freiburg (março 1996-julho 1997) sob a supervisão do Prof. Dr. Wolfgang Kullmann. Foi coordenadora geral do Programa de Pós-graduação em Letras nos anos de 2005 e 2006. Ocupou as coordenações do Doutorado em Literatura Comparada e do Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, em gestões alternadas, entre 2002 e 2014. Foi supervisora dos estágios Sanduíche (PDSE) do PPG-Letras entre 2003 e 2016. Participa do Diretório de Pesquisa „História da Literatura“ do CNPq, tendo sido subcoordenadora de 2009 a julho de 2012. Foi bolsista do CNPq no triênio de 2009-2012 e foi Procientista com bolsa da FAPERJ de 2003 a 2018. Escreveu „Electra ou uma constelação de sentidos“ (2000) e organizou mais de uma dezena de livros acadêmicos. As áreas em que mais atua e produz são Literatura Comparada, Teoria da literatura e Recepção Clássica.

### **José Mário Botelho:**

Doutor em Letras Clássicas - Latim (2018) na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-Doutor em Sintaxe Latina (2018/19) em Università degli Studi di Udine-Italia. É Professor Associado da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, em cujo Curso de Graduação leciona Língua Portuguesa e Língua Latina. Tem expe-

riência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: linguagem, linguística, letramento, oralidade e escrita, estudos gramaticais, estilística. Foi Membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL). É Diretor-Presidente do Círculo Fluminense de estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL); e o criador do Grupo de Estudos sobre Linguagem Oral Culta de São Gonçalo (GELOC-SG), do qual é o Coordenador.

### **Francisco de Assis Florêncio:**

Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996), mestrado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001) e doutorado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006). Atualmente é professor de língua portuguesa do Seminário Teológico Betel e professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Latina, atuando principalmente nos seguintes temas: latim renascentista e medieval.

### **José Rodrigues Seabra Filho:**

Pela Universidade de São Paulo, possui graduação em Letras (1979), doutorado em Letras Clássicas (1991) e Livre-docência (2008). Atualmente é Professor Associado da Universidade de São Paulo. Sua área de especialização é Gramática Latina e tradução de textos do latim clássico.

### **Leonardo Ferreira Kaltner:**

Doutor em Letras Clássicas (UFF). Pós-Doutorado em Literatura Novilatina (UERJ). Professor associado da Universidade Federal Fluminense (UFF, Niterói/RJ), na área de Língua e Literatura Latinas, docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Membro do Laboratório de Pesquisas em Contato Linguístico - LABPEC/UFF e do GT de Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL. É líder do grupo de pesquisa: Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional (FILIC/CNPq/UFF).

### **Luiz Fernando Dias Pita:**

Professor Adjunto de Língua Latina na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010). Possui também graduação em Letras (Português-Espanhol) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1999), Mestrado em Letras (Literaturas Hispânicas) pela Universidade Federal Fluminense (2000), Especialização em Língua Latina pela

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003); Mestrado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006); Mestrado em Interlinguística e Esperantologia (Univ. Adam Mickiewicz, Poznań, Polônia, 2017). É membro da Academia Brasileira de Filologia, ocupando a cadeira n 39. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Latina, Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas.

### **Márcia Regina de Faria da Silva:**

Márcia Regina de Faria da Silva possui Graduação e Licenciatura em Português-Literaturas (1991) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Graduação em Português-Latim (1994) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Especialização em Língua e Literatura Latina (1996) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado (2000) e Doutorado (2008) em Letras Clássicas também pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tendo ingressado em 2002. Ocupou a Chefia do Departamento de Letras Clássicas e Orientais (2012-2015), a vice-direção do Instituto de Letras (2016-2018) e a subchefia do Departamento de Letras Clássicas e Orientais (2019-2020). Ministra Língua Latina, Cultura e Literatura Clássica e Literatura Latina. Coordena projetos de Extensão e orienta bolsistas. Tem experiência na área de Língua e Literatura Latina, inclusive em nível de Especialização, com aprofundamento em Lírica Elegíaca Latina.

### **Márcio Luiz Moitinha Ribeiro:**

Possui três graduações: em Português-Literaturas (1992), em Língua e Literatura Latina (1993) e em Língua e Literatura Grega (1999), formado pela (UERJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestrado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo (2006) e Doutorado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2011). Concluiu o Pós-Doutorado, em Letras Clássicas, na USP, em 2014. Leciona Língua, Literatura Latina e Prática de Ensino, há 24 anos, na UERJ do campus Maracanã. Atualmente é docente Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro com 40 horas. Em 2015, prestou outro concurso com aprovação, em primeiro lugar, para professor de língua latina, na UERJ do campus São Gonçalo, onde exerce o cargo de prof. adjunto de 40 horas, em língua latina, no Del -FFP de São Gonçalo. Na UERJ, do campus Maracanã, exerceu, em duas gestões, o cargo de Coordenador do Setor de latim. Também foi Coordenador da pós de latim, durante alguns anos. Também exerceu a função de Coordenador de toda a Graduação do Instituto de Letras da UERJ. Tem lata experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Clássicas, Literaturas Clássicas e Prática de Ensino em Língua Portuguesa e Línguas Clássicas. Faz pesquisas comparadas não só na área de latim e do vernáculo,

como também publica artigos de literatura comparada na área de literatura grega, latina, brasileira, portuguesa, francesa e americana.

**Pedro Ivo Zaccur Leal:**

Professor adjunto de Língua e Literatura Latina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Clássicas.

**Pedro Paulo Funari:**

Pedro Paulo A. Funari é professor de arqueologia histórica da Universidade de Campinas, Unicamp, Brasil, ilustre conferencista da Stanford University, pesquisador associado da Illinois State University, nos Estados Unidos, e da University of Barcelona, Espanha. Possui diversos livros publicados no Brasil e no exterior, além de mais de 300 artigos. Ele é co-editor com Martin Hall e Siân Jones de *Historical Archaeology: Back from the edge* (Londres, Routledge, 1999) e com Andrés Zarankin e Emily Stovel de *Global Archaeological Theory* (New York, Springer, 2005), *Memories from Darkness*, arqueologia da repressão e resistência na América Latina (Springer, 2008), *Arqueologia do contato cultural e colonialismo na América espanhola e portuguesa* (Springer 2014), entre outras. Ex-secretário do Congresso Mundial de Arqueologia, ele está empenhado em promover o envolvimento arqueológico com a sociedade.



## **Formação Acadêmica do Prof. Dr. Márcio Moitinha:**

- Graduação e licenciatura em português-literaturas, na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), em 1992;
- Graduação e licenciatura em português-latim, na UERJ, em 1993, por aproveitamento de estudos (1º. lugar);
- Graduação e licenciatura em português-grego, na UERJ, em 1999, por aproveitamento de estudos (1º. lugar);
- Especialização em língua portuguesa, na UERJ, em 1994 (Aprovado na seleção);
- Especialização em língua e literatura latinas, na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), em 1995 e 1996 (Aprovado na seleção);
- Especialização em língua latina, na UERJ, com enfoque na tradução de textos medievais, renascentistas e cristãos, em 2011 (Colocação: 1º. lugar);
- Mestrado em Letras Clássicas, pela USP (Universidade de São Paulo), sob orientação da professora Titular de Língua e de Literatura Latinas, Zélia de Almeida Cardoso, de 2002 a 2006. Tema da dissertação: A poesia pastoril: As Bucólicas, de Virgílio (Colocação na prova de seleção: 1º. lugar);
- Doutorado em Letras Clássicas, titulado pela USP, sob orientação do docente doutor, livre-docente e gramático, José Rodrigues Seabra Filho, de 2007 a maio de 2011. Título da tese: Epigramas renascentistas de Henrique Caiado: Estudo e Tradução dos Livros I e II (Colocação na prova de seleção: 1º. lugar);
- Pós-Doutorado em Letras Clássicas, pela USP (Universidade de São Paulo), sob a coordenação do Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho. Título da Tese: Silvae de Henrique Caiado: Estudo e Tradução.

## **Experiência Acadêmica na Área de Estudos Clássicos:**

- Professor de Latim e de Filologia Românica da UNIG (Universidade de Nova Iguaçu), de 03/09/2001 a 10/06/2005;
- 1º. docente de latim eclesiástico e 2º, de grego koiné do Seminário São José de Niterói, de 11/03/2005 a 03/02/2010;
- Professor Auxiliar de Língua e Literatura Latinas, concursado pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Resultado final do Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro em 16/04/96 (Classificação: 1º. lugar);
- Professor Assistente de Língua e Literatura Latinas da UERJ, promoção em 2006;
- Professor Adjunto de Língua e Literatura Latinas da UERJ, promoção em maio de 2011;
- Professor Adjunto de Língua Latina da FFP, UERJ de São Gonçalo, aprovado em junho de 2015;

- Professor Adjunto, nível 04, de Língua e de Literatura Latinas da UERJ, promoção em 23 de novembro de 2021;
- Professor Associado de Língua e Literatura Latinas da UERJ, campus Maracanã e FFP, promovido em maio de 2023;
- Parecerista ad hoc das Revistas Acadêmicas - Philologus (Cifefil), e Principia (do Departamento de Letras Clássicas da UERJ);
- Membro Efetivo da Cadeira nº. 24 da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL).

Latim

**Professor de Latim da UERJ, há 27 anos. Gramático de Latim, com Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado Em Letras Clássicas pela USP.**

Locais das aulas

Online

**Super professor**

Marcio Moitinha é um dos melhores professores de Latim de acordo com a qualidade do perfil, excelência do diploma e rápida organização da 1ª aula!

Marcio Moitinha

5 (4 avaliações)

Preço hora/aula **R\$100**

Tempo de resposta **6h**

Número de alunos **4**

Contatar

1ª aula grátis

## “Superprof”

Considerado um super professor de língua latina, no site de aulas de línguas:  
<https://www.superprof.com.br/>

3º. da lista com 44 avaliações sobre o meu trabalho como latinista da UERJ.

Whatsapp: (21) 9899-77763 para aulas particulares

E-mail: [marcioluizmoitinha@gmail.com](mailto:marcioluizmoitinha@gmail.com)

**Para conhecer mais o nosso site de latim, na área de Estudos Clássicos, e adquirir livros, acesse:**

<https://marciomoitinha.wixsite.com/website>



## **BUCOLICA**

Verum, id quod multo tute ipse fatebere maius,  
(insanire libet quoniam tibi), pocula ponam  
fagina, caelatum diuini opus Alcimedontis,  
lenta quibus torno facili superaddita vitis  
diffusos hedera uestit pallente corymbos.

## **BUCÓLICA**

Mas, a isto que tu próprio confessarás ser muito maior,  
(porque te agrada ser louco), apostarei copos de faia,  
burilada obra do divino Alcimedonte,  
aos quais uma flexível videira gravada pelo torno ágil,  
veste cachos espalhados pela hera palente.

(Virg., Buc III, vs 35-39)



ISBN 978-65-265-0817-6



9 786526 508176 >